

## Marx, Engels e o sindicalismo docente

Carlos Bauer\* & Alessandro Rubens Matos\*\*

### Resumo

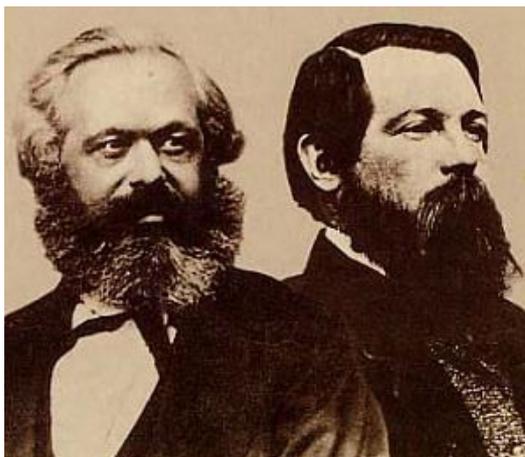
O artigo apresenta sucintamente algumas idéias e um breve histórico de Marx, Engels, reivindicando a atualidade dos seus postulados, juntamente com outros autores marxistas na interpretação e perspectiva de superação da sociedade capitalista, procurando se ater no diagnóstico e no papel que os sindicatos, em geral, e, particularmente, o sindicalismo docente podem assumir na construção de uma contra-ideologia comprometida com a superação desta etapa histórica alcançada pelo sistema mundial do capitalismo.

**Palavras-chave:** Marx, Engels, Sindicalismo, Sindicalismo docente, Contra-ideologia.



\* **CARLOS BAUER** é professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Nove de Julho - PPGE/Uninove.

\*\* **ALESSANDRO RUBENS MATOS** é professor de Geografia da Secretaria Municipal de Educação de São Paulo.



### Introdução

Falar em marxismo hoje, para muitos intelectuais, é coisa do passado. Para estes, não resta outra possibilidade se não a adaptação ou a humanização do sistema capitalista, em outras palavras, a história acabou. James Petras (1996), em seu texto *Os intelectuais em retirada* afirma:

[...] para alguns a classe operária já não existe; para outros, a própria noção de classe é problemática. Marxismo converteu-se num termo vulgar, imperialismo virou uma vaga referência, socialismo é usualmente colocado entre aspas e os agudos lamentos pela crise ideológica foram substituídos por declarações de fracasso, desinteresse e morte (1996, p.16)

Fenômeno parecido ocorre nos sindicatos, muitos militantes mudaram de lado e hoje comungam junto com a burguesia dos princípios neoliberais. Basta verificar o papel de setores da Força Sindical e da Central Única dos Trabalhadores na implementação da reforma da previdência, no silêncio frente às privatizações, sem falar no apoio à reforma sindical e trabalhista que reproduz, em alguns aspectos, o sindicalismo dos anos trinta nos moldes getulista.

Mesmo com toda contradição em sua atuação, não existe nada até o momento

que indique que os sindicatos deixaram de ser importantes instrumentos de luta para os trabalhadores. Pelo contrário, constituiu-se como a maior força de resistência ao neoliberalismo, seus protestos, impediram, pelo menos em parte, que a burguesia levasse a cartilha neoliberal até as últimas consequências.

As correntes marxistas, neste particular, colaboram, e muito, com a classe trabalhadora. No interior dos sindicatos, tencionam as direções para não se renderem à burguesia; na educação vão além dos debates estritamente acadêmicos, participam dos movimentos sociais, organizando os trabalhadores para os embates do presente e do futuro. Fazem isso porque aprenderam que não basta só interpretar o mundo, é preciso combater com toda força possível as classes dominantes, ou como certa vez escreveram Marx e Engels (2002, p.111): “Os filósofos têm interpretado o mundo de maneiras diferentes, a questão é transformá-lo.”

Esse processo de transformação só ocorre com a atuação das forças sociais em todos os lugares onde a luta for possível. É por isso que, no histórico “Manifesto do Partido Comunista”, Marx e Engels (2003, p.38) explicam que os comunistas “nos vários estágios de desenvolvimento da luta da classe operária contra a burguesia, representam, sempre e em toda parte, os interesses do movimento em geral”. Essa necessidade de encontrar os trabalhadores é questão fundamental para marxismo, o que levou Trotsky (2009, p.87) a dizer: “É preciso encontrar os operários onde eles estão.”

Neste particular, os sindicatos concentram-se boa parte das vítimas do sistema capitalista, e é para lá que boa parte dos revolucionários marxistas se dirige na tentativa de ajudar os explorados a entender seu papel

histórico que é o de fazer a revolução socialista.

Neste texto, discutiremos alguns aspectos da teoria marxista que contribuem para o entendimento da sociedade capitalista e, posteriormente, trataremos dos subsídios desta teoria para a análise do movimento sindical, em geral, e, em especial, algumas tarefas que podem ser projetadas ao desenvolvimento do sindicalismo docente na contemporaneidade.

### A Dialética de Marx

A dialética (do grego *dialekticós*, pelo latim *dialecticu*, arte do diálogo, da argumentação), em Marx apresenta os seguintes princípios:

#### 1) Princípio da totalidade

Tudo se relaciona, Plekhanov (2006, p.60) explica que, “Entre os fatores existe a ação recíproca: cada um deles influi em todos os outros e, por sua vez, sofre a influência dos demais. Daí resulta uma rede tão intrincada de influências recíprocas, de ações e reações [...]”.

Gadotti (1995, p.103) parece confirmar a afirmação acima: “Para a dialética, a natureza se apresenta como um todo coerente em que objetos e fenômenos se relacionam entre si, condicionando se reciprocamente.” Assim, o princípio da totalidade nos ensina que os fenômenos estão interligados e interdependentes, sendo que não encontramos o sentido dos fenômenos na sua individualidade, mas sim na sua totalidade.

#### 2) Princípio do movimento

Para Trotsky (2000, p.31) “O pensamento dialético analisa os fatos e todos os fenômenos de sua mudança contínua [...]”. Desta forma, a dialética não concebe uma realidade estática sem devir. O movimento é antes de tudo uma qualidade própria de todas as

coisas e fenômenos que se constitui no seio de relações contraditórias.

#### 3) Princípio da mudança qualitativa

O aumento dos elementos quantitativos se converte em mudanças qualitativas. O exemplo de George Novack (2006, p.103) esclarece nossa questão: “O pré-requisito para a aparição quantitativa do dinheiro como uma nova propriedade econômica é um desenvolvimento quantitativo específico do intercâmbio.” Esse exemplo elucidativo mostra bem a passagem da quantidade para a qualidade. Se quiséssemos continuar o raciocínio de Novack, poderíamos verificar que a extensão do dinheiro pelo mundo transformou as relações econômicas qualitativamente, que por sua vez culmina em novas qualidades superiores.

#### 4) Princípio da contradição

A mudança só é possível porque no interior dos fenômenos ou coisas existem forças opostas contraditoriamente unificadas. Essa contradição é o alicerce do desenvolvimento histórico. Marx (2002, p.80) chega a dizer que “Todas as soluções da história têm, pois, segundo a nossa concepção, a sua origem na contradição das forças produtivas e a forma de intercâmbio.” Essa unidade de opostos é, portanto, a essência da dialética de Marx. Para exemplificar esta questão, faremos o seguinte modelo:

#### Dialética de Marx

**Tese** (Afirmação inicial) x **Antítese** (Oposição à tese) x **Síntese**

(situação resultante do conflito entre tese e antítese) ou **T x A x S x T x A x S...**

Para a dialética marxista a síntese, resultado da confrontação da tese com a antítese, não é o resultado final e sim

um passo novo que se confrontará, constituindo-se em uma nova tese, se apresentando, de certo modo, como uma eterna espiral.

### **Fundamentos do Materialismo Histórico Dialético**

Não é a consciência que determina a vida, é a vida que determina a consciência...

Marx e Engels

Um dos alicerces fundamentais do materialismo histórico dialético é o de que a esfera ideológica nada mais é do que reflexo dos corpos materiais. Ou como explicita Marx e Engels (2002, p.22), “A produção da idéias, representações, da consciência está a princípio diretamente entrelaçada com a atividade material e o intercâmbio material dos homens.” Assim, a base da sociedade e do próprio homem é o trabalho. É pelo trabalho que os homens se relacionam com a natureza e com o próprio homem, produzindo sua existência material, incluindo sua compreensão sobre essa existência material, que subsidiará as formas de organização jurídica, política e qualquer outra idéia.

Desse modo, o materialismo histórico dialético não analisa a sociedade com base nas idéias ou representações, constroem suas análises levando em conta o modo de produção da vida material, essa abordagem é dada por Lênin em seu texto “As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo”: Assim como não julgamos um indivíduo com base na idéia que ele faz de si próprio, do mesmo modo não podemos julgar tal época de abalos com base na consciência que ela tem de si mesma; é preciso, pelo contrário, explicar essa consciência pelas contradições da vida material, pelo conflito que existe entre as forças

produtivas sociais e as relações de produção (LÊNIN, 2001, p.21)

Lênin (2001, p.63) fornece outro fundamento do materialismo histórico, segundo o qual “[...] numa sociedade baseada na luta de classes, não pode existir qualquer ciência social imparcial”. (Grifo nosso) O conhecimento científico é um instrumento de compreensão da realidade, construído de acordo com os interesses das classes sociais, sendo, a pretensa neutralidade científica, uma maneira de formatar os excluídos, interiorizando em sua consciência interesses particulares da classe dominante como sendo interesses de todos. Esse conhecimento a - histórico não revela as condições históricas de produção e as inter-relações dos fenômenos, mostrando uma realidade destituída de essência, estática e fragmentada.

Para o marxismo, esse conhecimento, produto de uma falsa consciência, mostra a realidade de forma invertida e não se comprova na prática. Segundo Marx (2002, p.108), a comprovação do que sabemos é uma questão prática. Tanto que em seu texto Teses sobre Feuerbach afirma: “É na práxis que o homem tem de comprovar a sua verdade, isto é, a realidade e o poder, o caráter terreno, do seu pensamento”. Assim, é no processo de reflexão-ação-reflexão que provamos ou não nossas convicções.

Moacir Gadotti (1995, p.103) em seu importante livro A pedagogia da práxis, caminha na mesma direção quando destaca que a concepção materialista dialética não separa a teoria da prática, sendo que a prática “é o critério de verdade da teoria, pois o conhecimento parte da prática e a ela volta dialeticamente”. (Grifo nosso) Podemos afirmar então que o materialismo

histórico-dialético considera o homem uma síntese de idéia e matéria, que só pode existir com a relação homem/natureza e homem/homem, portanto, no processo de produção material. Essa conclusão é importante, pois não reduz a luta de classe a embate de idéias ou verdades e nem desconsidera o seu papel.

Afinal, as idéias orientam ações concretas, que podem levar à revolução ou à manutenção do *status quo*. Entretanto, as idéias revolucionárias ou conservadoras não têm qualquer força sem ações concretas.

### **Sindicato: unidade e pólo formador**

Um galo sozinho não tece uma manhã: ele precisará sempre de outros galos...

João Cabral de Melo Neto

A realidade é que as transformações são conquistadas a duras penas

Florestan Fernandes

A transformação da sociedade capitalista depende de ações concretas contra a burguesia, que, unificada, mantém seu domínio, utilizando de todos os meios imagináveis: ditaduras, assassinatos, guerras, corrupção, etc. O trabalhador, agindo individualmente, não consegue reagir contra estas usurpações da classe dominante. É por isso que Marx (2003) e Engels (2003), no Manifesto Comunista, chamavam: “*Proletários de todos os países, unidos!*”. (Grifo nosso) Tal frase, conhecida mundo afora, continua de grande valia para a militância socialista que, ao longo da história, encontrou nos sindicatos uma forma de concretizar esse chamamento.

Para o marxismo esse chamamento rumo à libertação da exploração

capitalista não é produto do acaso, nem de divindades, nem de soluções teóricas ditas renovadoras ou reformadoras. Para nós, a libertação é um ato histórico, resultante de relações sociais concretas, não podendo resumir-se a um ato de pensamento ou sorte. É por isso que Marx e Engels (2002), criticando duramente os idealistas ensinam: Não nos vamos, naturalmente, dar ao trabalho de esclarecer os nossos sábios filósofos sobre o fato de que a libertação do homem não avançou um único passo por terem resolvido a filosofia, a teologia, a substância e todo o lixo da autoconsciência, por terem libertado o homem do domínio destas frases sob as quais nunca foi escravo; de que não é possível conseguir uma libertação real a não ser no mundo real com meios reais (MARX & ENGELS: 2002, p.25).

Os sindicatos ao longo da história se constituíram em um meio real de transformação da realidade dos oprimidos. Sem esse instrumento organizador da classe, a dispersão só aumentaria a divisão dos trabalhadores. De modo que, uma das maiores virtudes das entidades sindicais é sua capacidade de favorecer a união dos trabalhadores, unificando-os em torno de interesses convergentes, o que acaba por eliminar, em boa medida, a danosa concorrência entre eles. Engels (2008, p. 45), preocupado com essa concorrência entre os trabalhadores, alertava sobre “*esta competição dos trabalhadores entre eles mesmos é o pior lado do atual estado de coisas para o operariado, a arma mais afiada contra o proletariado nas mãos da burguesia.*” (Grifo nosso) Nesse sentido, tanto a participação, quanto a construção de organizações que aglutinem o maior número possível de trabalhadores, é tarefa crucial para os marxistas, que buscam, nesses instrumentos, a unificação necessária

para encaminharem o difícil processo de conquistas sociais, que só ocorre com o apoio de toda a classe explorada.

Outra importante lição deixada pelo marxismo diz respeito ao papel do sindicato na formação dos trabalhadores. Engels (2008, p.61) afirma que os sindicatos “*São a escola de guerra dos trabalhadores, nas quais eles se preparam para a grande luta que não pode ser evitada*”. (Grifo nosso) É na ação direta que os mecanismos ideológicos que camuflam a realidade se desintegram e as classes oprimidas percebem que o capitalista, que se apresenta como benfeitor, é na verdade seu algoz. Lênin (2008, p.104) explica o efeito de uma greve; “*Mas a greve abre os olhos dos operários não só quanto aos capitalistas, mas também no que se refere ao governo e às leis*”. (Grifo nosso) Ou em outras palavras, é no engajamento político, por conquistas sociais contra a classe dominante, que o trabalhador aprende que na sociedade capitalista, o Estado e a burguesia são parceiros de um processo que visa à dominação de uma classe sobre a outra.

O sindicato exerce, portanto, o papel de unificador e formador das classes oprimidas. Nos últimos séculos, protagonizou processos de luta que mudaram os rumos da história do mundo e do Brasil. Certamente, em momento de arrefecimento do embate de classes, sua visibilidade diminui, o que faz com que alguns apressados encerrem o papel do sindicato como potencializador das lutas. No entanto, entre mortos e teorias, que não se comprovam na prática, os sindicatos estão aí, e não podemos deixá-los de lado, sobre a influência dos que almejam uma conciliação que perpetue a dominação do homem pelo próprio homem.

### **Educação no Brasil e professores marxistas**

Os educadores brasileiros vivem uma difícil realidade em geral e, especificamente, nas escolas públicas destinadas à educação básica, o grau de degradação e penúria econômica a que são submetidos se insere no bojo das relações de classe no Brasil, que se caracterizam por uma violenta exclusão da classe trabalhadora a condições mínimas de sobrevivência. Uma das facetas desse estado de barbárie, infelizmente, se evidencia nas escolas públicas de praticamente todo território nacional.

Vitor Paro (2000), analisando a situação da educação no Brasil, demonstra grande preocupação com a precarização da educação brasileira. A situação precária em que se encontra o ensino público, em especial o de 1º grau, no Brasil, é fato incontestável, cujo conhecimento extrapola o limite dos meios acadêmicos, expandindo-se por toda a população. A situação também não é nova, persistindo por décadas, com tendências de agravamento dos problemas e carências, sem que o estado tome medidas efetivas visando a sua superação (PARO, 2000, p.19)

Essa situação de abandono se expressa em boa medida nas condições de trabalho do professor, que em seu dia-a-dia são, como afirma Valério Arcary (2005, p.47) “Reduzidas a condições de penúria [...]”, esse fato pode ser constatado nas escolas públicas, por meio das seguintes condições: salas superlotadas que dificultam o diálogo mais próximo entre alunos e professores, as relações são resumidas a curto espaço de tempo, quase que uma linha de produção. Alguns supervisores e diretores, explicitando e exercitando o que poderíamos chamar de uma falsa consciência se prestam ao papel de

“capatazes” dos governos, utilizando-se de ameaças e punições. Tal posicionamento dificulta a construção de uma escola humanizadora, na medida em que impõe a pedagogia do medo, substituindo o diálogo pelo terror. Jornadas de trabalho que deixam pouco espaço para a pesquisa, o educador que cumpre 60 ou até mesmo 80 horas de trabalho por semana acaba não tendo tempo para potencializar sua formação, pois o pouco tempo que lhe resta é dedicado ao descanso.

Os baixos salários dificultam o acesso a moradia, transporte, livros, teatro, etc. Seus pensamentos são tomados pelas incertezas, pelo medo de não assegurar para si e sua família uma sobrevivência digna. As péssimas condições de trabalho, infelizmente, são paisagens latentes da escola pública no Brasil. Muitas escolas não dispõem de espaços apropriados para o exercício da profissão docente. Os prédios são mais parecidos com fábricas semi-abandonadas, à sala de aula torna-se o único refúgio de uma arquitetura própria da linha de produção. O pior, seguindo as palavras de Vitor Paro (2000, p.19) é que “[...] parece haver pouca probabilidade de o Estado empregar esforços significantes no sentido da democratização do saber, sem que isso seja compelido pela sociedade civil.”

Diante destas condições, aos trabalhadores da educação, não resta outra saída se não a de resistir. Para isso, se organiza, constrói discursos contra-hegemônicos, ajudando a escrever as páginas da resistência e da rebeldia da história da educação brasileira. Assim, um educador marxista houve as palavras de Rosa Luxemburgo (1979, p.62): “*Hoje a classe é obrigada a educar-se, a unir-se, a orientar-se a si própria no decorrer da luta.*” (Grifo

nosso) E na contramão do individualismo burguês, procura organizar sua categoria educando e sendo educado na ação coletiva, demonstra que sem organização não haverá mudanças nas circunstâncias que levam à exploração. Além disso, prega a independência de classe frente ao Estado e aos patrões, explica aos trabalhadores que os interesses da burguesia são divergentes dos interesses dos trabalhadores e é por isso que apresenta o programa socialista, em todos os lugares possíveis.

A necessidade de superação do capitalismo se torna imprescindível para a emancipação humana, sem isso, caminharemos para uma total desumanização, de tal forma que concordamos peremptoriamente com Sergio Lessa e Ivo Tonet:

A evolução da sociedade contemporânea não nos conduzirá a formas cada vez mais civilizadas de opressão, como afirmam os conservadores, mas sim a uma barbárie crescente ou à própria extinção da humanidade. E a única forma de evitá-la é superar as desumanidades da sociedade capitalista. (LESSA & TONET, 2008, p.14)

Os educadores ligados às causas sociais, comprometidos com a transformação das desumanidades do capitalismo não exercem outro papel, se não o de críticos e revolucionários. Assim, estamos com Moacir Gadotti. (2003, p. 120) quando afirma que: “Numa sociedade em conflito, o papel do educador só pode ser crítico e revolucionário. Seu papel é o de inquietar, incomodar, perturbar.” Evidentemente esse papel de crítico e revolucionário não será exercido sem o embate com os conservadores, que tratam de utilizar todos os mecanismos possíveis para manter o estado de não

mudança. Geralmente começam por culpar os mais fracos ideologicamente e os mais próximos dos seus ideais por meio de discursos moralizantes. Será preciso então demonstra a eles que seu discurso só ajuda a manter a ordem que perpetua a relação dominantes/dominados. Sobre esta questão Lênin nos alerta:

Politicamente, os homens foram sempre às vítimas ingênuas dos outros e deles próprios, e serão sempre enquanto não tiverem apreendido a discernir por trás das frases, das declarações e das promessas morais, religiosas, políticas e sociais, os interesses destas ou daquelas classes (2001, p. 69)

Neste papel político, contra-hegemônico, o educador entende que a escola não é uma ilha, desconectada da sociedade, e aproveita os espaços disponíveis para lutar em defesa da escola pública. Além das escolas, outro espaço privilegiado e “próximo” do educador são os sindicatos. É preciso aproveitar essas armas. Na luta por uma sociedade de iguais, uma sociedade socialista, o educador crítico utiliza-se das armas de que dispõe: a formação da consciência e a organização de sua categoria, associando as lutas políticas do oprimido com as lutas pedagógicas (GADOTTI, 2003, p.120).

Como educadores, críticos e revolucionários, muitas vezes, utilizamos as armas da crítica, mas, principalmente, é imperioso utilizar as armas de luta direta, tendo clareza de seus limites e possibilidades no enfrentamento com as hostes do capital. Uma avaliação correta dos instrumentos de luta que a classe trabalhadora dispõe, impede que criemos ilusões sobre nossos inimigos de classe e sobre nós mesmos. Não podemos esperar que a bondade da classe dominante caia como

um raio em nossas cabeças, é preciso entender que qualquer mudança que permeie a igualdade, coloca em risco a manutenção do modo de vida da burguesia, e esta fará o necessário para manter a ordem. Por outro lado, acreditar em uma falsa evolução, dizer que naturalmente, ou por força do acaso, tudo se resolverá e que devemos seguir fielmente nossos líderes ditos progressistas, não ajuda, nem na nossa educação, nem na deles. Trotsky criticando a postura dos líderes stalinistas afirma:

A liberdade dos trabalhadores pode vir apenas pelos próprios trabalhadores. Portanto, não há crime maior do que enganar as massas, mostrar as derrotas como vitórias, amigos como inimigos, subornar seus líderes, fabricar lendas, montar processos falsos; numa palavra fazer o que os stalinistas fazem. Tais meios só servem a um fim: prolongar o domínio da camarilha já condenada pela história; mas não servem para libertar as massas (2009, p. 91).

### **Considerações finais – o que fazer?**

Ao longo das últimas décadas do século XX e primeiros instantes do XXI, a organização e as ações perpetradas pelo sindicalismo docente tem sido extremamente questionadas e colocadas à prova pelos mais variados segmentos da sociedade brasileira, inclusive, pelos próprios professores. Claro que existem muitos fatores na explicação desse fenômeno de descrença do papel que os sindicatos docentes vinham desenvolvendo até então. Entre nós, merece destaque o reconhecimento de que a defesa de interesses meramente corporativo, por mais importantes e legítimos que possam ser, não seria capaz de mobilizar amplos contingentes da classe trabalhadora, do campo e da cidade, na defesa da escola pública,

laica e qualidade para todos em todos os níveis, como uma tarefa política sua, na medida em que a burguesia é incapaz consumir esta tarefa histórica.

Vai daí é fundamental que o sindicalismo docente assuma a responsabilidade de disseminar, por todos os meios que estejam ao seu alcance, à idéia de que a educação é política e os seus interesses não são apenas aqueles que os movimentos grevistas, por exemplo, deixam transparecer. Mas, através desses movimentos podemos dar ao conjunto da população à idéia de que a educação é política em, como escreve Bernard Charlot, em pelo menos quatro sentidos, articulados uns com os outros: “a educação transmite os modelos sociais, a educação forma a personalidade, a educação difunde idéias políticas, a educação é encargo da escola, instituição social” (1980, p. 12-3).

Ora, se não houver nenhum tipo de resistência orgânica e a luta pela construção de uma nova realidade pedagógica, o que teremos é a ratificação histórica de que numa sociedade de classes transmite os modelos sociais da classe dominante, forma os cidadãos para reproduzirem mecânica e alienadamente essa sociedade, difunde as idéias políticas, econômicas, culturais dessa classe e, assim, reproduz a dominação de classe que impera na sociedade burguesa. Quanto à tarefa propriamente dita do sindicalismo docente reivindicamos o seu caráter pedagógico, como também a formulação do professor Dermeval Saviani que ação propriamente pedagógica dos professores se configura em dois momentos simultâneos e organicamente articulados entre si: um momento negativo que consiste na crítica da concepção dominante (a ideologia burguesa); e um momento

positivo que significa: trabalhar o senso comum de modo a extrair o seu núcleo válido (o bom senso) e dar-lhe expressão elaborada com vistas à formulação de uma concepção de mundo adequada aos interesses populares (1980, p. 11).

O exercício dessa tarefa pelo sindicalismo docente é extremamente difícil nesta etapa histórica de predomínio dos valores ideológicos da burguesia e notadamente pelo fato dos sindicatos estarem tomados pelos setores conciliadores e pelegos e até mesmo reacionários que atuam no interior do movimento sindical. Entretanto, não são estruturas que não possam ser superadas por direções classistas e que não estejam comprometidas com os ideários das classes dominantes no seio das próprias organizações dos trabalhadores.

Na atualidade os sindicatos docentes são organizações conflitantes e quanto mais intensos e expostos forem esses conflitos, pela ação das oposições e núcleos dirigentes comprometidos com a formulação de uma nova concepção de mundo, mais próximo este tipo de organização estarão próximos de superarem a presença dos reformistas, burocratas ou mesmo daqueles comprometidos com a vigência do sistema mundial do capitalismo no seu interior.

Exatamente por isso as iniciativas que visam unir os estudantes, os professores e outros trabalhadores aos movimentos sociais e populares são extremamente bem vindos. São iniciativas que postas em movimento podem, no médio e longo prazo, poderão romper com esse apego ao corporativismo e ao controle burocrático e autoritário das estruturas sindicais dando-lhes, assim, uma nova fisionomia na luta dos trabalhadores em educação em nosso país.

O sindicalismo docente estaria, desta forma, ao assumir suas responsabilidades pedagógicas, comprometido irremediavelmente com a disseminação da consciência de classe de amplos setores dos que atuam no universo educacional, contribuindo com a superação de uma falsa consciência, uma consciência ingênua das coisas, da vida econômica e da política, para uma consciência crítica e transformadora da realidade social. Claro que se trata de um pequeno gesto, mas de grande importância para os que buscam estabelecer uma efetiva aproximação do sindicalismo docente com os movimentos sociais, populares e políticos implementados pelos trabalhadores do campo e da cidade. O sindicalismo docente, ao tomar partido pela tarefa de contribuir com a organização da cultura e da sociedade, assume conscientemente uma parte das responsabilidades políticas na construção social de uma contra-ideologia voltada para o homem coletivo e, portanto, comprometida com a socialização da riqueza material e imaterial que a humanidade foi capaz de construir.

Por fim, acreditamos que o resgate da educação e dos educadores no Brasil não virá de reivindicações corporativistas, menos ainda das reformas capitaneadas pela burguesia, pois, em muitos anos de poder, as classes dominantes mostraram-se incapazes de transformar a educação em um instrumento de equidade social. Esta grandiosa tarefa foi destinada pela história aos alunos, professores e aos trabalhadores organizados e dispostos a lutar para alcançar este fim. Sim, por que na tradição marxista, os meios utilizados para esta tarefa histórica são as organizações da juventude e dos trabalhadores do campo e da cidade

construídos e direcionados para esses objetivos!

#### Referências

- ARCARY, Valério. **Cinco observações sobre a crise da educação pública pra uma estratégia revolucionária.** In: Instituto Latino-Americano de estudos sócio-econômicos. (Orgs) Neoliberalismo e Crise da Educação Pública, São Paulo: ILAESE, 2005.
- BAUER, Carlos. **Contribuição para a história dos trabalhadores brasileiros. Volume I – O despertar libertário.** São Paulo: Ed. Pulsar, 1994.
- BAUER, Carlos. **Reflexões sobre o tempo e a história e a utopia no cotidiano escolar.** São Paulo: Ed. Pulsar, 2005.
- BOITO, Armando Jr. . **Sindicalismo de estado no Brasil.** Campinas: Unicamp, 1991.
- \_\_\_\_\_. **O sindicalismo na política brasileira.** Campinas: Unicamp, 2003.
- CHARLOT, Bernard. **A mistificação pedagógica.** São Paulo: Zahar, 1980.
- ENGELS, Friedrich., MARX, Karl. **A ideologia alemã.** São Paulo: Ed. Centauro, 2002.
- ENGELS, Friedrich., MARX, Karl. **Manifesto comunista.** São Paulo: Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2003.
- ENGELS, Friedrich, MARX, Karl. **Sindicalismo.** São Paulo: Ed.ched,1980.
- ENGELS, Friedrich, MARX, Karl, LENIN, Vladimir, TROTSKY, Leon. **O marxismo e os sindicatos.** São Paulo: Instituto José Luís e Rosa Sundermann, São Paulo, 2008.
- FERNANDES, Fernandes. **Nova República? 2ª Ed.,** Rio de Janeiro: Zahar, 1986.
- FREDERICO, Celso. **Crise do socialismo e movimento operário.** São Paulo: Cortez, 1994.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido.** 47ª, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- GADOTTI, Moacir. **Educação e poder: introdução à pedagogia do conflito.** São Paulo: Cortez, 1980.
- \_\_\_\_\_. **Pedagogia da práxis.** São Paulo: Cortez, 1995.
- \_\_\_\_\_. **Pensamento Pedagógico Brasileiro.** 7ªed. São Paulo: 2003.

- GRAMSCI, Antonio. **Concepção dialética da história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- KONDER, Leandro. **Marx: Vida e Obra**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
- KOSIK, Karel. **Dialética do concreto**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.
- LÊNIN, Vladimir. **As três fontes e as três partes constitutivas do marxismo**. São Paulo: Expressão Popular, 2001.
- LESSA, Sergio, TONET, Ivo. **Introdução à filosofia de Marx**. São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- LUXEMBURGO, Rosa. **Greve de massa, partido e sindicatos**. São Paulo: Kairós, 1979.
- MÉZAROS, István. **O século XXI socialismo ou barbárie?** São Paulo: Boitempo, 2003.
- MORENO, Nahuel. **O partido e a revolução**. São Paulo: Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2008.
- NOVACK, George. **Introdução à lógica marxista**. São Paulo: Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2006.
- PARO, Vitor Henrique. **Por dentro da escola pública**. São Paulo. 3º, São Paulo: Xamã, 2000
- PLEKHANOV, George. **O papel do indivíduo na história**. São Paulo: Expressão Popular, 2006.
- PETRAS, James. (In) **Os intelectuais em retirada**. In: **Marxismo Vivo** (orgs) Osvaldo Coggiola. São Paulo: Xamã, 1996.
- PONCE, Aníbal. **Educação e luta de classes**. São Paulo: Cortez & Autores Associados, 1981.
- ROSSI, Wagner. **Capitalismo e educação**. São Paulo: Cortez & Moraes, 1978.
- SANTOS, Theotonio dos. **Conceito de classes sociais**. Petrópolis: Vozes, 1985.
- SAVIANI, D. **Educação: do senso comum à conscientização filosófica**. São Paulo: Cortez & Autores associados, 1980.
- SAVIANI, D., LOMBARDI, J.C. & SANFELICE, J.L. (orgs.) **Capitalismo, trabalho e educação**. Campinas: Autores associados, 2002.
- SINGER, Paul. **A formação da classe operária**. São Paulo: Atual, 1988.
- TROTSKY, Leon. **A arte da insurreição**. Organização e apresentação: Carlos Bauer. São Paulo: Pulsar, 2000.
- TROTSKY, Leon. **Questões do modo de Vida. A moral deles e a nossa**. São Paulo: Instituto José Luís e Rosa Sundermann, 2009.
- TROTSKY, Leon. **Escritos sobre sindicato**. São Paulo: Kairós, 1979.